

ALTERAÇÕES FONOAUDIOLÓGICAS EM ESCOLARES

Janaina Mendes de Sousa Caldas

- Verificar o número de alterações fonoaudiológicas em escolares de três escolas municipais de Campo maior;
- Enumerar as alterações fonoaudiológicas por sexo.

PROBLEMÁTICA DESENVOLVIDA

A partir de experiências sensoriais (audição, tato, paladar e olfato) a criança percebe o mundo e intensifica o processo de aprendizagem. Essas experiências são adquiridas em maiores intensidades a partir do momento que a criança entra na escola, onde há uma aceleração na aquisição da linguagem. A escola é um lugar de promoção da saúde. Esta se destaca por ser um ambiente bastante estimulativo e merece atenção especial. Portanto, pais, professores e escola devem estar atentos para qualificar os estímulos expostos à criança para que sejam benéficos.

A atuação do fonoaudiólogo na área de Educação tem respaldo legal no decreto nº 87.218, de 31 de maio de 1982, que regulamenta a Lei nº 6.965, de 09 de dezembro de 1981, onde dispõe sobre a regulamentação da profissão de Fonoaudiólogo e determina outras providências, ressaltando que o fonoaudiólogo deve participar da equipe de orientação e planejamento escolar, inserindo aspectos preventivos ligados a assuntos fonoaudiológicos (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 1981).

A resolução do Conselho Federal de Fonoaudiologia, número 309, de 01 de abril de 2005, fortaleceu a relação do fonoaudiólogo com o sistema educacional, conscientizando e valorizando o trabalho fonoaudiológico, considerando a necessidade de promover a saúde, prevenir e orientar a comunidade escolar quanto às alterações de audição, linguagem, motricidade oral e voz (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2005).

O fonoaudiólogo detém o campo da linguagem, que é inerente a todo processo da aprendizagem, portanto é o profissional, teoricamente, do desenvolvimento dentro do sistema educacional (ALMEIDA; *et al*, 2008).

Santos (2006) afirma que o fonoaudiólogo é extremamente importante na cena escolar, sendo apto para detecção e intervenção imediata ao aparecimento de distúrbios do processo comunicativo e, na manutenção da saúde no âmbito escolar.

O fonoaudiólogo pode desenvolver um trabalho escolar na função de participação em equipe, triagem e terapia. Auxilia professores dando sugestões técnicas que ajudem a preparar as crianças desempenhando papel de assessor e consultor. Pode também realizar triagens e terapia (CARAÇA; PACHECO, 1994).

O trabalho fonoaudiológico nas escolas deve ser desenvolvido em parcerias com a equipe institucional. Este trabalho deve estabelecer promoção, prevenção e aprimoramento nos aspectos de audição, linguagem oral e escrita, motricidade oral e voz, objetivando assim o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

O Fonoaudiólogo pode desenvolver ações junto à equipe técnica através de capacitação e assessoria, realizando palestras, orientação entre outros. Também pode colaborar no planejamento de programas fonoaudiológicos e pedagógicos. O fonoaudiólogo intervém no ambiente com programas que propiciem melhores condições ao processo de ensino-aprendizagem.

A atuação com professores visa orientações quanto ao uso vocal, técnicas vocais para prevenção de alterações vocais durante o uso profissional, desenvolver ações para promoção da saúde fonoaudiológica dos alunos em sala de aula, orienta-lós quanto à detecção de possíveis alterações fonoaudiológicas nos alunos, e realizar os encaminhamentos aos profissionais especializados caso o professor apresente alterações vocais.

O fonoaudiólogo atua dando aos professores, sugestões técnicas que ajudem a preparar as crianças para alfabetização, auxiliá-las no processo de alfabetização propriamente dito assim como em etapas posteriores a ele. Esta atuação ajudaria a prevenir problemas futuros, ficando evidenciado, assim, o caráter profilático desta participação (CARAÇA; PACHECO, 1994).

Luzardo e Nemr (2006) desenvolveram a implementação de programa de orientações à 104 professores de pré-escolas verificando o benefício do programa por intermédio de questionário. Obtiveram como resultado a eficácia das orientações, revelando que após a implementação do programa o encaminhamento para o

fonoaudiólogo aumentou em 75% para atraso de linguagem e 47,2 % para distúrbio articulatorio.

Oliveira (2006) ressalta que o conhecimento em linguagem oral e escrita pode ajudar, e muito, o professor em um processo de ‘assessoria escolar’, voltado para a formação do professor, não só em termos de desenvolvimento da escrita e da linguagem oral, mas principalmente na geração de estratégias que sejam importantes e significativas, que tornem a leitura e a escrita não apenas prazerosa para os alunos, mas que viabilize a construção do conhecimento.

O professor e o fonoaudiólogo precisam trabalhar juntos, numa relação de troca, já que cada um tem seu papel e experiência dentro do imenso universo de ações que é a educação (SACALOSKI; ALAVARSI; GUERRA, 2000).

Elaborar triagem fonoaudiológica nas escolas pode contribuir para avaliar as crianças de maneira geral, com intuito de prevenção, detecção precoce de alterações fonoaudiológicas, diagnóstico e encaminhamento à tratamentos específicos, caso necessário.

Kyrillos, Martins e Ferreira (2000) proporam um modelo de atuação fonoaudiológica em escolas através de triagens, sendo realizada uma triagem no início do ano letivo e outra no final do ano vigente, por três anos consecutivos. Entre fevereiro e setembro ocorria a atuação do fonoaudiólogo através de orientações e atendimento. A triagem foi aplicada a 50 crianças de pré-escola na faixa etária de dois a sete anos, alunos de rede particular.

Os autores obtiveram como resultado no primeiro ano, 40% de crianças com dificuldade de discriminação auditiva, 20% com deglutição atípica, 30% com trocas na fala, 60% omissão ou troca de grupo consonantal, precisando de atendimento fonoaudiológico 15% das crianças.

No segundo ano de trabalho observaram 20% de crianças com dificuldade de discriminação auditiva, 15% com deglutição atípica, 10% com trocas na fala, 40% omissão ou troca de grupo consonantal, e 15% necessitando de atendimento.

Para o terceiro ano de trabalho fonoaudiológico escolar os resultados demonstram porcentagens bem menores, 10% de crianças com dificuldade de discriminação auditiva, 5% com deglutição atípica, 10% com trocas na fala, 20% omissão ou troca de grupo

consonantal, e 15% encaminhadas para o atendimento. Os dados dos autores sugerem a diminuição de alterações em escolares por intermédio da atuação fonoaudiológica.

Negrão e Andrade (2006) explicam que a elaboração da triagem é feita através de uma bateria de testes, elaborado pelo fonoaudiólogo, para avaliar as áreas de desenvolvimento que são importantes para a aprendizagem da leitura e da escrita. Destacam como áreas a audibilização (audição), psicomotricidade, linguagem e fala, fluência, voz, motricidade oral e leitura e escrita.

Fernandes e Crenitte (2008) realizaram uma pesquisa, com 40 professores de 1ª a 4ª série, sobre o conhecimento dos mesmos quanto ao distúrbio de leitura e escrita. Os resultados obtidos revelaram que os professores possuem um conhecimento superficial a respeito do distúrbio da leitura e escrita, sendo que muitos adquiriram tal conhecimento fora do ambiente de graduação. Verificou-se também que os professores apesar de encaminharem seus alunos ao fonoaudiólogo, possuem visão limitada quanto à atuação deste profissional. O distúrbio da leitura e escrita foi considerado como um problema próprio da criança, sendo pouco reconhecido como uma falha que também pode ser da escola ou da metodologia de ensino.

Na maioria dos países desenvolvidos o sistema de proteção à saúde infantil possibilita a monitorização do desenvolvimento da criança e oferece programas de acompanhamento e reabilitação. Além do sistema de proteção à saúde, o sistema educacional, compreendendo diversos tipos de instituições pré-escolares, também tem contato com a criança e, em razão da experiência profissional da equipe e da atenta observação, acompanha o seu desenvolvimento.

A implantação de programas de saúde escolar é um serviço de atenção básica à saúde que implica em melhoria na qualidade de vida das crianças e professores, resultando no bom desempenho escolar. Intervenção fonoaudiológica precoce, acompanhamento destas alterações e orientações, através de palestras, sobre as dificuldades escolares e sobre saúde vocal para professores é uma forma de prevenção.

Nos Estados Unidos, de acordo com a diretoria científica da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, metade dos fonoaudiólogos está empregada em serviços de Educação, seja no sistema regular seja na Educação Especial. Esta não é a realidade no Brasil, a diferença seria talvez o investimento financeiro e político dos EUA em Educação, como programas para garantir o sucesso do aprendizado da leitura e escrita

desde os anos iniciais (educação infantil) até o ensino médio, onde incluem o trabalho do fonoaudiólogo em todas as etapas (ALMEIDA; *et al*, 2008).

O fortalecimento da relação entre profissionais da saúde e da educação poderá contribuir para a conquista da qualidade de vida de todos os segmentos envolvidos no espaço escolar, favorecendo o desenvolvimento humano e o processo de emancipação da nação (ALMEIDA; *et al*, 2008).

Deve-se repensar e compreender a necessidade de investimentos na área técnica para efetivar a atuação fonoaudiológica na escola. Para Santos (2006) não há custos quando o benefício é real; há sim, investimento e a certeza de um retorno qualitativo e quantitativo eficaz para todos.

METODOLOGIA

O trabalho foi criado a partir dos resultados das triagens fonoaudiológicas desenvolvidas em três escolas da rede municipal de ensino do município de Campo Maior - PI, realizada por uma fonoaudióloga da Secretaria Municipal de Educação de Campo Maior – SEMED. Para a realização de tal pesquisa houve liberação dos dados escolares por meio da autorização da SEMED (ANEXO I).

Foi realizada entrevista com a Fonoaudióloga Educacional, a fim de se estabelecer os procedimentos utilizados para alcançar tais resultados (APÊNDICE). Segundo a profissional foi realizada previamente uma visita de esclarecimento ao corpo docente para discorrer sobre a triagem fonoaudiológica (objetivo, metodologia e resultados), as alterações que poderiam acometer a comunicação humana (linguagem, audição, fala, voz, leitura e escrita), depois foi solicitado que os professores elessem os alunos que apresentavam possíveis alterações para que pudessem ser submetidos à triagem fonoaudiológica escolar. Desta forma, o critério de inclusão da amostra foi à indicação de um professor.

Conforme a entrevista as triagens foram realizadas nas próprias escolas, por meio de um protocolo específico, que investigava: Dados de identificação dos alunos; Nome do(a) professor(a); Série cursada; A triagem da linguagem oral foi realizada por meio da utilização de álbum fonético para análise fonológica nas três categorias desta análise: nomeação; repetição e fala espontânea. Observou-se a fluência da fala durante toda a triagem, no intuito de saber se o aluno apresentava “gagueira” ou não; Foram utilizados ditado de palavras, para observação ortográfica; na leitura utilizaram-se textos

selecionados por série para análise do desempenho da mesma e interpretação do conteúdo lido. Nas crianças da pré-escola utilizou-se observação de conhecimentos gerais da linguagem como cores, formas, objetos de diferentes texturas, jogos de encaixe, desenho e pintura a mão livre, bem como observação da coordenação motora fina e global.

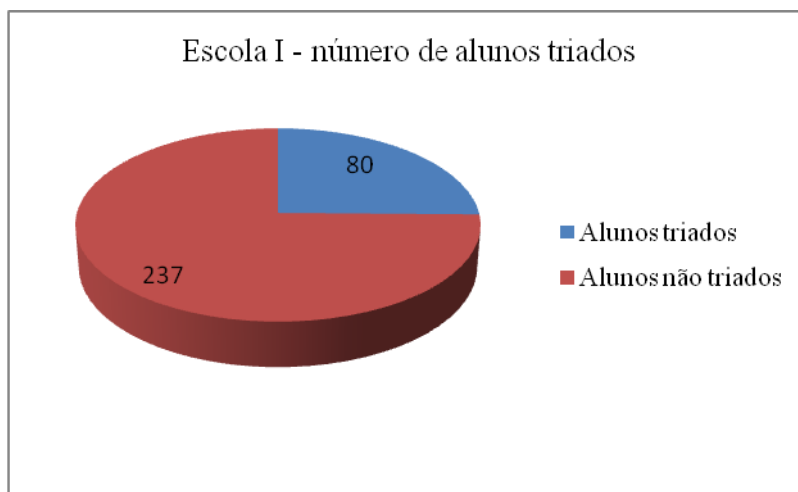
Investigou-se o padrão vocal de forma percepto-auditiva, com observação do modo e tipo respiratórios, realização ou não de exames laringológicos para fins fonoaudiológicos e se havia presença de disfonia; Quanto a motricidade orofacial realizou-se observação das estruturas externas e internas, exercícios miofuncionais, pesquisa da presença ou não dos hábitos deletérios. Já a análise auditiva foi feita por meio de perguntas e observações do comportamento auditivo.

As escolas foram classificadas em: Escola I, Escola II e Escola III. Na primeira foram englobados alunos do Pré-I a 5ª série, que somaram 317 alunos, dos quais somente 80 foram indicados como possíveis portadores de alterações fonoaudiológicas. Na segunda foram inclusos alunos do Pré-I a 6ª série, num total de 422 escolares, sendo triados 102 crianças. Na última escola as triagens foram realizadas nos alunos do Pré-I a 4ª série que totalizaram 300 escolares, entretanto somente 70 passaram pela triagem fonoaudiológica.

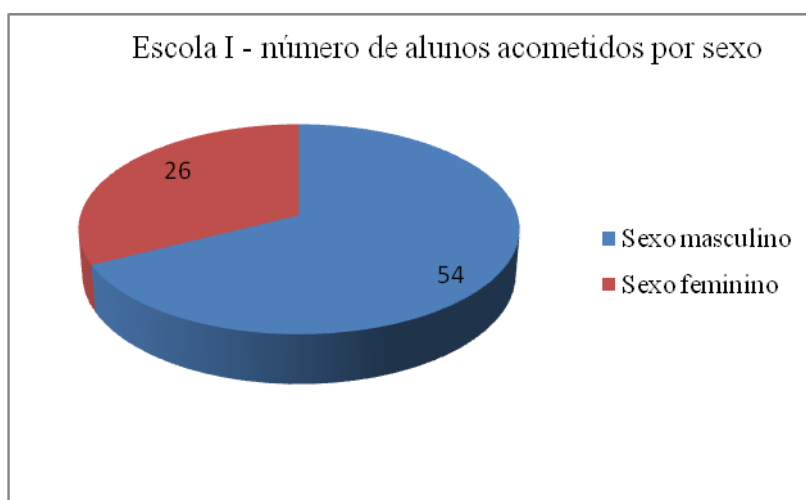
Vale ressaltar que o intuito da pesquisa foi de enumerar as alterações fonoaudiológicas encontradas, não levando em consideração o fato de um mesmo aluno apresentar mais de uma alteração na comunicação, o que justifica o fato do número das alterações serem superiores ao número de alunos triados.

RESULTADOS

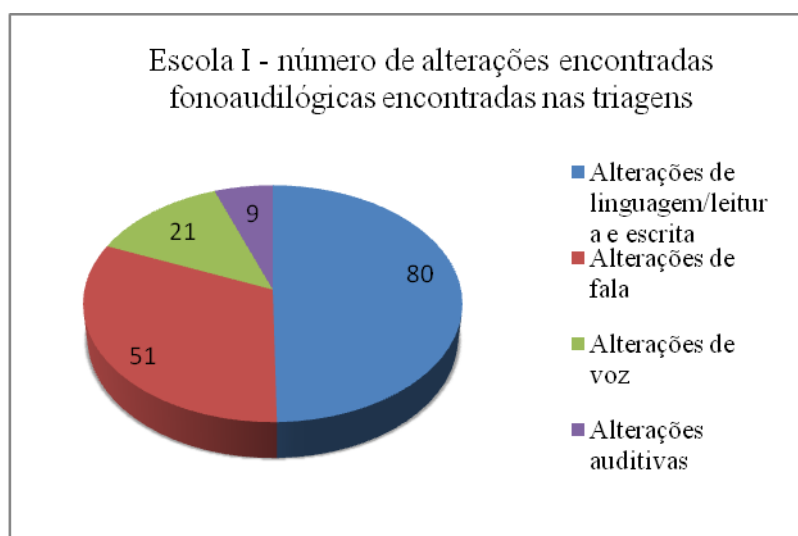
Os resultados obtidos revelam que na primeira escola, onde foi realizada as triagens, 237 alunos não foram triados e 80 foram triados. Conforme os encaminhamentos das professoras para as triagens, expostos abaixo.



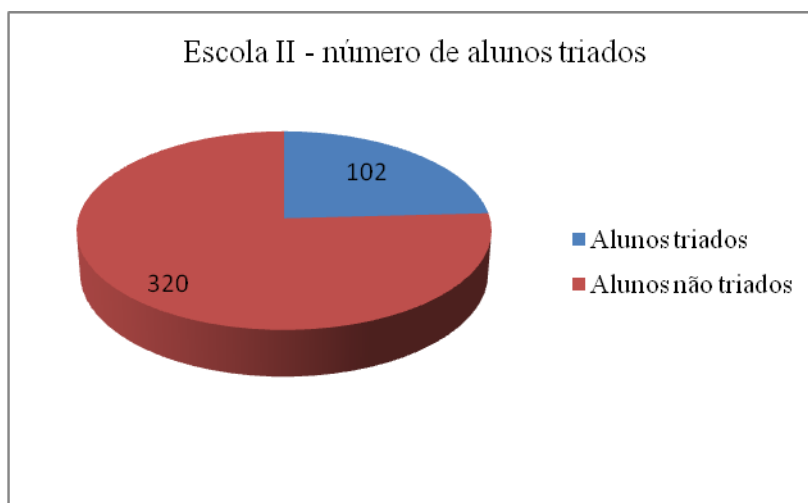
Dos alunos triados na primeira escola 54 eram do sexo masculino e 26 do sexo feminino, conforme exposto abaixo.



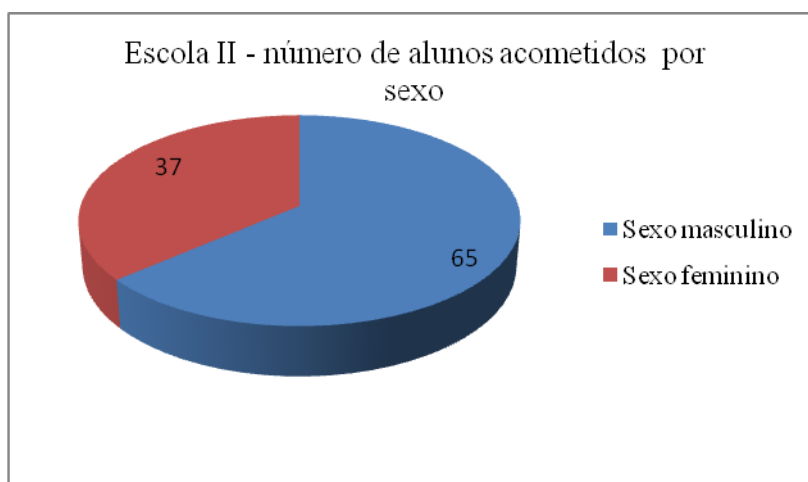
Para as alterações encontradas os resultados apontam 80 alunos com alterações de linguagem/leitura e escrita, 51 alunos com alterações de fala, 21 alunos com alterações de voz e 9 com alterações auditivas. Exposto a seguir.



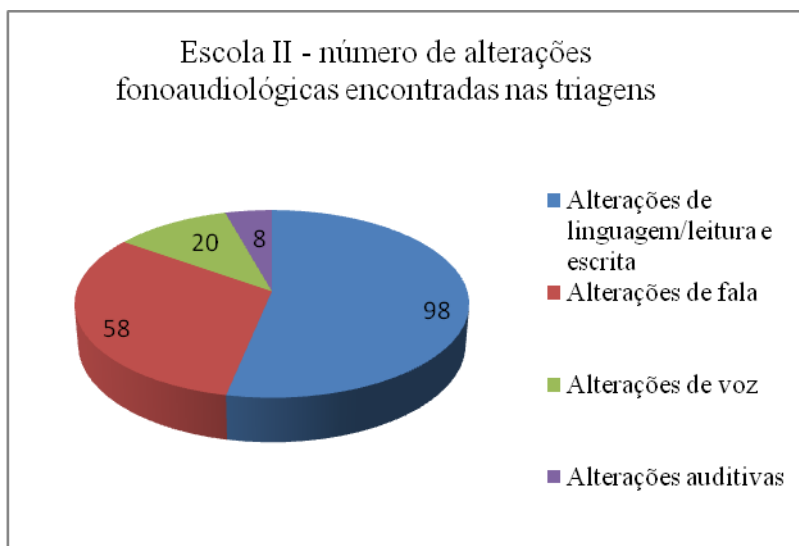
Na segunda escola, onde foi realizada as triagens, 320 alunos não foram triados e 102 foram triados. Conforme exposto abaixo.



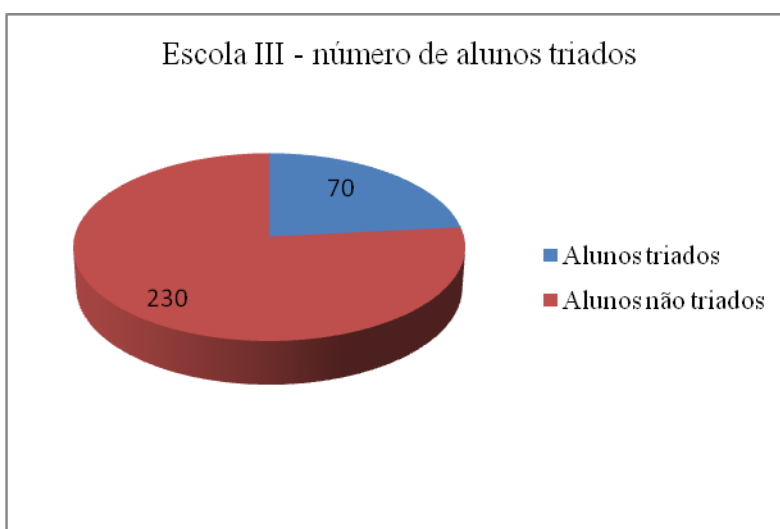
Dos alunos triados na segunda escola 65 eram do sexo masculino e 37 do sexo feminino, conforme exposto abaixo:



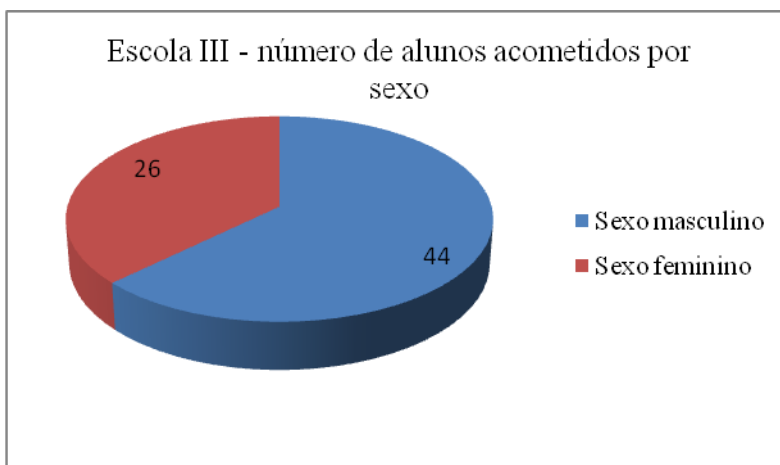
Para as alterações encontradas os resultados apontam 98 alunos com alterações de linguagem/leitura e a escrita, 58 alunos com alterações de fala, 20 alunos com alterações de voz e 8 com alterações auditivas. Exposto a seguir.



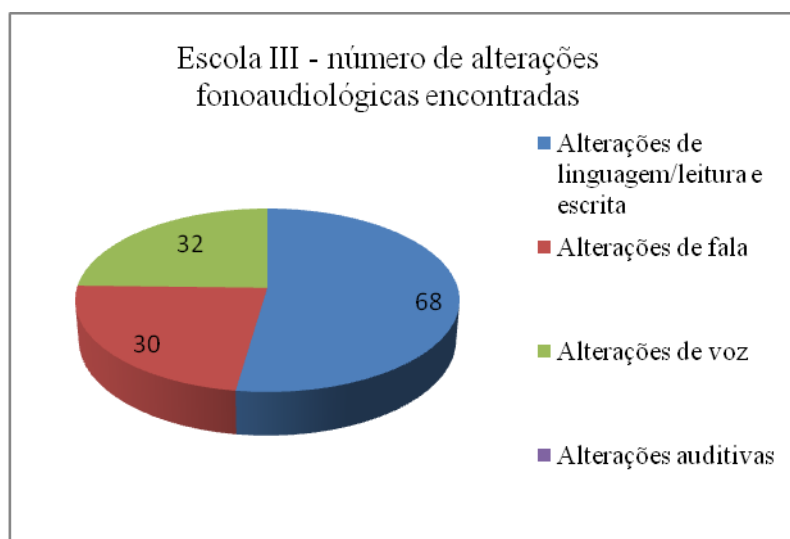
Na terceira escola, onde foi realizada as triagens, 230 alunos não foram triados e 70 foram triados. Conforme exposto abaixo.



Dos alunos triados na terceira escola 44 eram do sexo masculino e 26 do sexo feminino, exposto a seguir.



Para as alterações encontradas os resultados apontam 68 alunos com alterações de linguagem/leitura e a escrita, 30 alunos com alterações de fala, 32 alunos com alterações de voz e nenhum aluno com alterações auditivas. Exposto abaixo.



CONCLUSÃO

Os dados obtidos apontam a necessidade da inserção do fonoaudiólogo no âmbito escolar, uma vez que os altos índices de alterações fonoaudiológicas encontradas no estudo, sugerem comprometimento do ensino-aprendizagem dos escolares.

A identificação precoce, por intermédio da triagem fonoaudiológica em escolas, se faz de modo a evitar os problemas que tendem a se complicar com a evolução escolar. Portanto, a atuação do fonoaudiólogo educacional possibilitará encaminhamentos e tratamentos adequados, voltando à atenção para as necessidades educacionais específicas dessa população.

A inter-relação entre o fonoaudiólogo e o professor gera benefícios aos escolares promovendo melhor qualidade de vida em todos os segmentos da educação favorecendo o processo ensino-aprendizagem. Deve-se investir em saúde escolar, pois pensando na relação custo-benefício, certamente, muitos benefícios trarão melhorias ao desempenho do nível educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. M. V. T; *et al.* Fonoaudiólogo na Educação: imprescindível para a escola e para a família. **Jornal do Conselho Federal de Fonoaudiologia**, Brasília. v. 38, n. 9, p. 4-8, jul/set. 2008.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. Lei n. 6.965, de 09 de dezembro de 1981. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Fonoaudiólogo, e determina outras providências.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. Resolução Conselho Federal de Fonoaudiologia nº 309, de 01 de abril de 2005. Dispõe sobre a atuação do Fonoaudiólogo na educação infantil, ensino fundamental, médio, especial e superior, e dá outras providências.

FERNANDES, G. B.; CRENITTE, P. A. P. O conhecimento de professores de 1ª a 4ª série quanto aos distúrbios da leitura e escrita. **Revista CEFAC**, v. 10, n. 2, p.182-190, abr/jun. 2008.

LUZARDO, R.; NEMR, K. Instrumentalização fonoaudiológica para professores da educação infantil. **Revista CEFAC**, v.8, n. 3, p. 289-300, ago/out 2006.

SACALOSKI, M.; ALAVARSI, E.; GUERRA, G. R. Fonoaudiólogo e Professor: uma parceria fundamental. In: SACALOSKI, M.; ALAVARSI, E.; GUERRA, G. R. **Fonoaudiologia na escola**. São Paulo: Lovise, 2000. p. 19-24.

SANTOS, E. M. N. G. Fonoaudiologia Educacional: A educação que gera saúde. In: DAMASCENO, A., MACHADO, H., SAOUZA, O. (org.). **Fonoaudiologia Escolar -**

Fonoaudiologia e pedagogia: Saberes necessários para a ação docente. Belém: Edufpa, 2006. p. 97-111.

PACHECO, E. C. F. C.; CARAÇA, E. B. Fonoaudiologia Escolar. In: FERREIRA, L. P. *et all.* **Temas de Fonoaudiologia.** São Paulo: Loyola, 1994. p. 199-209.

NEGRÃO, A. G.; ANDRADE, C. F. R. A triagem fonoaudiológica. In: DAMASCENO, A., MACHADO, H., SAOUZA, O. (org.). **Fonoaudiologia Escolar - Fonoaudiologia e pedagogia: Saberes necessários para a ação docente.** Belém: Edufpa, 2006. p. 77-87.

OLIVEIRA, S. T. Fonoaudiologia escolar – Através do professor, o aluno. **Revista da Fonoaudiologia.** São Paulo. n. 67 ed. 66, p. 12/15, mai/jun 2006.